

Relatório de Gestão – Set/22

Rio Macro FIC de FIM

Macro				
FUNDO	% SET/22	% ANO	% 12 MESES	% ACUMULADO
RIO MACRO FIC DE FIM	1,03	9,59	9,39	71,03
VS. CDI	95,72	107,61	86,19	97,84

ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE	% SET/22	% ANO	% 12 MESES	% ACUMULADO
Caixa	1,10	9,10	10,96	66,87
Juros	0,00	-0,29	-1,10	35,65
Moedas	-0,08	1,76	1,45	1,24
Bolsa	0,00	0,17	0,19	4,09
Ativos externos	0,20	0,74	0,40	-3,82
Custos	-0,20	-1,89	-2,52	-33,01
Total	1,03	9,59	9,39	71,03

início: 31/08/2015

Em setembro nós mantivemos a exposição a risco do fundo baixa, com pequenas posições vendidas em dólar contra o real e em S&P futuro.

No mês passado o ambiente externo se deteriorou diante da perspectiva da necessidade de um aperto monetário nos EUA maior do que vinha sendo precificado nos mercados. A persistência da inflação e a força do mercado de trabalho norte-americano mudaram a posição dos membros do FOMC em relação a alguns meses atrás. Os discursos têm sido na linha de que a inflação está inaceitavelmente alta e que o seu combate neste momento deve ser o objetivo primordial do FED, mesmo que cause alguma “dor” à economia. O comitê elevou os juros em 75 p.p. novamente para 3%/3,25% a.a. e sinalizou mais 125 p.p. a 150 p.p. de alta nas próximas três reuniões. O risco de que o aperto monetário “quebre” algum mercado ao longo do caminho subiu, assim como a probabilidade de um *hard landing*.

No final do mês, chamou a atenção a reação do mercado no Reino Unido a um pacote de expansão fiscal anunciado pelo governo recém-empossado. Diante da insustentabilidade das medidas e em meio a uma inflação bem acima da meta, os títulos do Tesouro despencaram, o que obrigou o BC inglês a intervir na compra de maneira a estabilizar o mercado. O governo recuou em parte das medidas, mas ainda vai ter que mostrar coerência no seu plano de governo.

Começa a entrar no radar a possibilidade de que eventos como o do Reino Unido possam acontecer em outros mercados. Países como a Itália que tem dívida/PIB elevada e em um mundo de juros baixos conseguiram se financiar, terão um grande desafio pela frente e precisarão praticar uma política fiscal crível. Diversos países da Europa, na verdade, têm

caminhado na direção contrária, ao subsidiar os preços de energia diante do choque de oferta a que estão sendo submetidos.

A China, por sua vez, segue lutando para acelerar o ritmo de crescimento em meio às dificuldades com os desequilíbrios no mercado imobiliário e ainda com algumas restrições de mobilidade por conta da política de Covid zero. Neste mês a recondução de Xi Jinping a um terceiro mandato pode trazer novidades.

Desta maneira, o mundo tenta se equilibrar diante do aspirador de liquidez que o FED ligou. Enquanto a economia dos EUA não desaquece e a inflação não baixa para níveis mais próximos da meta o risco de países/mercados frágeis sucumbirem ao aperto monetário não é desprezível.

No Brasil, em 2022, cresceremos perto de 3%, a inflação ficará ao redor de 5,5%, o superávit primário na ordem de 1% e o BC já encerrou o processo de alta de juros. O câmbio real se encontra em um patamar depreciado com um déficit em conta corrente bem baixo e os nossos termos de troca nos favorece. Ademais, a reorganização das cadeias produtivas globais e a necessidade de parceiros comerciais confiáveis principalmente no setor de energia oferecem oportunidades nesse mundo geopoliticamente mais instável. A nossa principal fragilidade é o arcabouço fiscal, que necessitará de uma âncora seja qual for o presidente eleito.

Portanto, estamos em melhor posição do que já estivemos em situações semelhantes no passado, mas no curto prazo, os riscos globais são enormes.

Atenciosamente,

Equipe Rio Gestão de Recursos.